



Perda irreparável para a vida universitária e para a historiografia

Odilon Nogueira de MATOS

Vítima de brutal atropelamento na rua da Consolação, em São Paulo, faleceu no dia 21 de novembro último uma das mais expressivas figuras da vida universitária brasileira: Eurípedes Simões de Paula, diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, professor de História Antiga e Medieval da mesma Faculdade, fundador e diretor da "Revista de História", presidente da Associação Nacional dos Professores Universitários de História, membro fundador da Academia Paulista de História e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no qual se empossara algumas semanas antes.

A morte o levou em pleno vigor físico e intelectual, quando dele ainda muito se esperava, pois completara sessenta e sete anos poucos dias antes, exatamente na data da proclamação da República. Todos os que o conhecem são testemunhas do desprendimento e da dedicação com que se atirava a todos os empreendimentos que levou a efeito ou a todas as atividades de que participava. Mais que diretor e professor, era um amigo. Difícil encontrar alguém, nos quarenta anos em que esteve vinculado à Universidade de São Paulo, que lhe não seja devedor de alguma coisa, desde a orientação amiga aos jovens estudantes, o conselho nobre e desprendido aos colegas inseguros, até auxílios materiais aos que se mostrassem necessitados. Seu desaparecimento abriu na Faculdade que dirigia e para a qual viveu toda a sua existência, um vazio sem igual, difícil senão impossível de ser preenchido. Tive o privilégio de com ele conviver durante quarenta e um anos, ou seja desde 1936, quando cheguei a São Paulo a fim de pleitar ingresso na então novél Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, para cursar a mesma seção de Geografia e História, que Eurípedes estava concluindo. E como depois de formados, tanto ele como eu, continuássemos vinculados à Faculdade, nossa convivência não se interrompeu. Durante cerca de dez anos foi diária, quando exercia o cargo de secretário na mesma Faculdade em que ele era diretor. Aprendi, pois, a conhecê-lo sob todos os aspectos, e ele cada vez crescendo mais na minha admiração, pois tive o privilégio de senti-lo sob ângulos ou facetas que muitos ignoravam.

Pertencia Eurípedes Simões de Paula à primeira turma da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, constituída quase exclusivamente de pessoas já de formação cultural bem desenvolvida, pois já formados por outros institutos superiores — Direito, Medicina, Engenharia etc. — que haviam frequentado provavelmente por não existir na época instituição que lhes ministrasse os ensinamentos das matérias para as quais se achavam realmente vocacionados. Eis porque, ao fundar-se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com o mesmo ato que criou a Universidade de São Paulo, em 1934, e ao oferecer a novo instituto universitário, em variadíssima gama de interesses, cursos que pela primeira vez eram ministrados no Brasil em nível superior, tais como a História, a Geografia, as Ciências Sociais, as Ciências Exatas e as Ciências Biológicas, muitos do que cursavam as escolas tradicionais, mas não desejam ser nem médicos, nem advogados, nem engenheiros, ou qualquer outra das atividades profissionais para as quais essas escolas habilitavam, correram à procura da nova Faculdade de Filosofia, ingressando nos numerosos cursos que ela oferecia às variadas vocações culturais. Assim, Eurípedes Simões de Paula, que concluíra a Faculdade de Direito, mas sem nunca ter-se tornado advogado, preferiu o curso de Geografia e História (na época um só), pois nas letras históricas estava a sua verdadeira vocação.

Ainda quando estudante, já demonstrava extraordinária dedicação aos calouros que ingressavam para a Faculdade, orientando-os nos seus primeiros trabalhos de pesquisa, inclusive pondo à disposição de todos sua biblioteca, na época já riquíssima, cujos livros circulavam entre os estudantes como se fora livraria pública. Depois de concluído o curso, passou a lecionar na Faculdade encarregando-se dos cursos de história antiga e medieval, especialidade na qual realizou toda a sua carreira universitária: o doutoramento, em 1942, com a tese sobre "O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev" e a cátedra em 1946, com a tese "Marrocos e suas relações com a Ibéria na antiguidade". Entre os dois momentos de sua carreira universitária, o INTERMEZZO bélico, pois como integrante da Força Expedicionária Brasileira, seguiu para os campos da Itália, onde permaneceu até o fim do conflito. Regressando ao Brasil, tornou-se sempre dedicado aos "pracinhas", seus companheiros de "front", integrando a diretoria da associação que reunia os antigos combatentes, falando e escrevendo sobre a participação do Brasil na guerra, assunto sobre o qual preparava um livro, que seria, dizia ele, sua última obra... Infelizmente o Brasil ficou sem conhecer um dos mais sinceros depoimentos acerca de um dos momentos mais importantes de nossa história.

Acompanhei, de perto, as duas maiores realizações de Eurípedes Simões de Paula: a "Revista de História", que fundou em 1950 e da qual já se publicaram 110 volumes, e o esforço para congregar os professores universitários de História, do país, em simpósios bienais, dos quais o nono realizou-se este ano na cidade de Florianópolis. Nossa cidade foi sede de um deles, em 1969 e os que dele participaram podem testemunhar a dedicação sem par com que Eurípedes se consagrava aos empreendimentos dessa natureza. Estas duas realizações, ainda que outras existissem em sua folha de serviços, seriam suficientes para credenciá-lo ao respeito e sobretudo à gratidão de todos quantos no Brasil militam nas áreas da História, ou por elas se interessam. A "Revista de História", de projeção internacional e, de fato, uma das mais importantes do mundo, contribuiu para inscrever o nome de nosso país na bibliografia histórica universal.

Eis o homem que a vida universitária e a historiografia brasileiras, lamentavelmente, acabam de perder. Nestas modestas linhas, a homenagem de quem com ele conviveu durante quase meio século.

Correio Popular

16-XII-1977